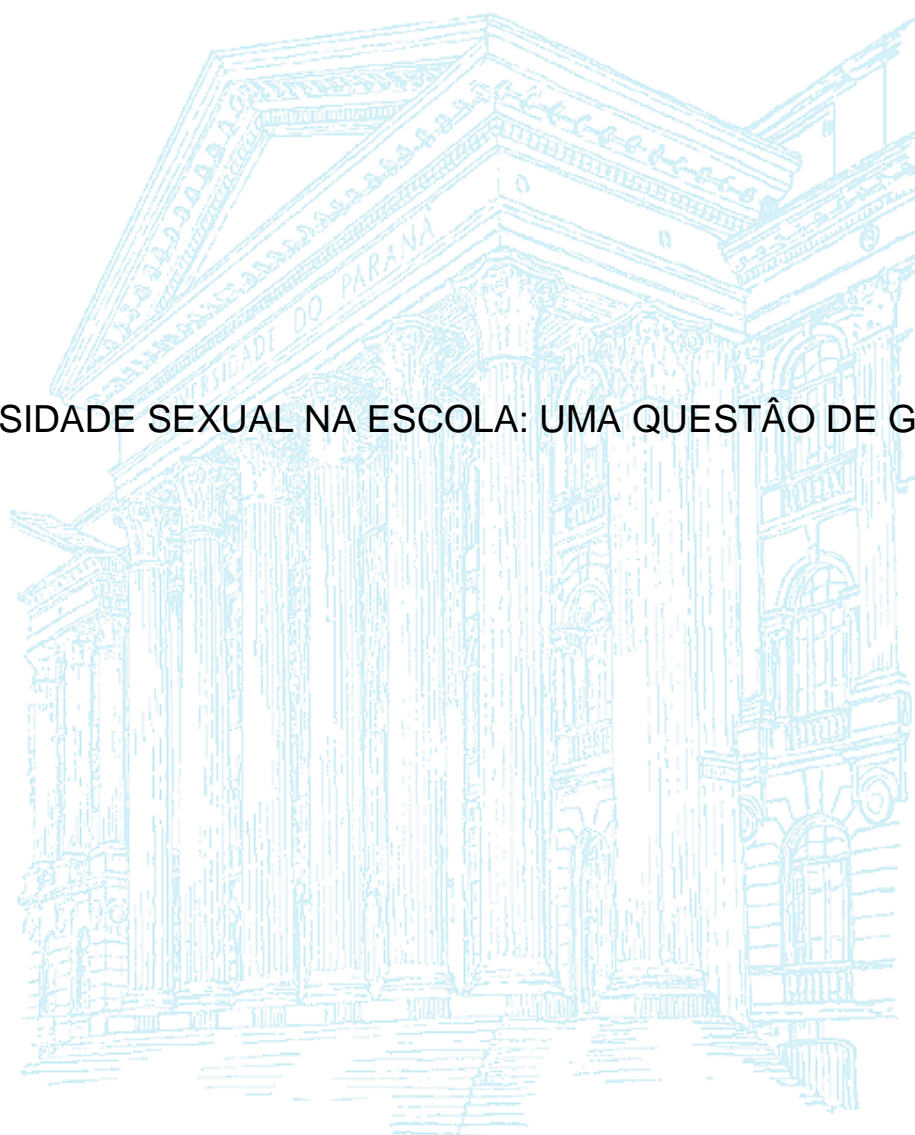


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GIOVANIA APARECIDA FERRAREZI PRESTES

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO



ITAMBÉ
2016

GIOVANIA APARECIDA FERRAREZI PRESTES

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof^ª. Liliam Maria Orquiza

ITAMBÉ
2016

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Giovanía Ferrarezi Prestes¹; Liliam Maria Orquiza²

¹Formada em Pedagogia pela Unoeste e Pós-Graduada em Gênero e Diversidade na Escola pela UFPR; E-mail: gferrarezi10@hotmail.com

² Mestre em Ciência da Informação pela PUC Campinas, UFPR. E-mail: liliamorquiza@ufpr.br.

Resumo: Este artigo buscou investigar a forma como o assunto gênero e diversidade sexual vem sendo trabalhado no ensino fundamental. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo com professoras da rede municipal de ensino. Na sequência, o trabalho de caráter bibliográfico levantou e analisou a postura adotada por essas docentes em relação ao tema tratado de acordo com os relatos coletados nas entrevistas. De fato, os debates sobre a temática de gênero e diversidade sexual já acontecem efetivamente no espaço escolar, porém ainda é uma constante encontrar discursos permeados por preconceitos que acabam por contribuir para a cristalização de papéis sociais. Para que ocorram mudanças nesse sentido, é necessário começar pelo trabalho de conscientização desses profissionais, políticas públicas que ofereçam cursos de capacitação a fim de garantir possíveis mudanças na prática pedagógica.

Palavras-chave: Diversidade; Ensino fundamental; Gênero

Abstract: This article sought to investigate how the matter gender and sexual diversity has been working in elementary school. To this end, it was made a field research with teachers of municipal schools. In sequence, the bibliographic work stood and looked at the stance adopted by these teachers in relation to the theme according to the reports collected in interviews. Indeed, discussions on gender issues and sexual diversity have effectively happen at school, but it is still a constant find permeated speeches by prejudices that end up contributing to the crystallization of social roles. For changes to occur in this sense, it is necessary to start with the educational work of these professionals, public policies that offer training courses to ensure that possible changes in teaching practice.

Keywords: Diversity; Elementary school; Genre

INTRODUÇÃO

A temática da sexualidade se faz presente nas escolas, no entanto, ainda vem cerceada por tabus provenientes dos valores sociais e culturais. No Brasil, surgiram discussões sobre esse tema ao longo dos anos 90 que abordavam desde

preocupações com a moral e os bons costumes materializada na educação distinta para homens e mulheres, o combate à masturbação, a higienização do corpo, o combate às DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e à AIDS (Síndrome da Imunodeficiência adquirida), os programas de prevenção à gravidez “precoce”, entre outras preocupações. Atualmente, a escola é convocada a combater as desigualdades de gênero e a promover o respeito à diversidade sexual, mas continua repassando aos seus alunos valores preconceituosos e estereotipados acerca da sexualidade.

O Ministério da Educação através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõe a Orientação Sexual enquanto tema transversal desde o final da década de 90. Apesar disso, nota-se que as instituições educativas não têm alcançado os objetivos propostos. Quando assumem a tarefa de oferecer orientação sexual aos alunos, professores e profissionais da educação ainda utilizam estratégias esporádicas, descontextualizadas e, muitas vezes, superficiais, que se restringem a informações biológicas sobre sexo e reprodução.

Os desafios na abordagem da sexualidade nas escolas são muitos, o que torna relevante a reflexão acerca das práticas que tem sido desenvolvida nesse sentido, pois o professor possui o papel de mediador e/ou responsável pelo comportamento e formação de opinião.

Conforme Bueno (2010):

É conveniente também pensarmos que o poder de impacto da opinião de pais e professores é muito grande, pois aos olhos de muitas crianças e jovens que com eles têm contato diariamente, os pais e os professores são exemplos daquilo que é certo e adequado de se fazer e, também, de ser.

Porém, ao abordar o tema sexualidade em suas aulas, o professor depara-se com algumas situações como a de pais que o acusam de provocar ou de incentivar o homossexualismo, tomando-o como uma doença, temendo que seu filho ou sua filha seja influenciado com assuntos que, em sua opinião, não condizem com a escola. Em outras palavras, de acordo com Charlot (2008):

Hoje em dia, o professor já não é um funcionário que deve aplicar regras predefinidas, cuja execução é controlada pela sua hierarquia; é, sim, um profissional que deve resolver os problemas. A injunção passou a ser: “faça o que quiser, mas resolva aquele problema”. O professor ganhou uma

autonomia profissional mais ampla, mas, agora, é responsabilizado pelos resultados, em particular pelo fracasso dos alunos.

Nesse sentido, Auad (2014) defende que cabe a todos os interessados na construção de políticas públicas de coeducação, com o objetivo de pressionar os órgãos competentes do Estado para que tais políticas tenham o apoio institucional e material. O mesmo se aplica a este trabalho, ou seja, a defesa para que outros envolvidos também tenham maior participação no processo de formação de opinião e apoio na definição do papel do aluno, neste caso, a questão da homossexualidade diante da sociedade e os paradigmas existentes.

Ainda nessa perspectiva, Paro (1997, p.30) afirma que:

A escola por sua maior aproximação às famílias constitui-se em instituição social importante na busca de mecanismos que favoreça um trabalho avançado em favor de uma atuação que mobilize os integrantes tanto da escola, quanto da família, em direção a uma maior capacidade de dar respostas aos desafios que impõe a essa sociedade.

Tendo em vista o papel formador da escola junto às famílias, há que se buscar uma atuação mais efetiva junto aos pais no sentido de aproximá-los dos problemas enfrentados e envolvê-los na busca de soluções. Referente às práticas educativas sobre gêneros e diversidade sexual, é fundamental que haja também essa parceria da escola e da família na formação de valores e no combate ao preconceito.

No entanto, conforme explica Auad (2006, p.77):

A escola, assim como outras instituições sociais, ressalta e utiliza as diferenças e transforma-as em desigualdades. Ao separar adultos de crianças, ricos de pobres, a escola conhecida por nós fabrica identidades de meninos e meninas, homens e mulheres.

Nesse contexto, é importante perceber como o conceito tradicional de gênero permeia a educação formal, que segundo a referida autora "sempre reforçou definições binárias e reproduziu tais definições a partir de outras searas como a igreja, comunidade e família, cuja atuação, ao reforçar os papéis estabelecidos que homens e mulheres devem ocupar na sociedade, colabora com as discriminações

pautadas nas diferenças, resultando em violência contra mulheres e meninas e também redundando em homofobia". (AUAD, 2006, p. 77).

O conceito de gênero é definido por Scott (1990) enquanto uma categoria útil à história e não apenas à história das mulheres em seu movimento feminista que deu origem ao termo. Segundo ele, o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social.

Para ele, "gênero deve ser visto como elemento constitutivo das relações sociais, baseadas em diferenças percebidas entre os sexos, e como sendo um modo básico de significar relações de poder". (SCOTT, 1990, p.6).

Então, qual seria a vantagem da análise de gêneros? Qual a relevância do tema no trabalho do professor em sala de aula?

Tais questões podem ser respondidas por Scott (1990, p.6), quando afirma que o gênero, enquanto categoria de análise, teria a vantagem de propor uma transformação dos paradigmas do conhecimento tradicional, não apenas acrescentando novos temas, mas também exigindo "um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente". Além disso, gênero, assim como as noções de classe e "raça", representa o interesse da sociedade em uma história que inclua os discursos dos "oprimidos", quase sempre excluídos, analisando o sentido e a natureza desta opressão e consequente exclusão.

Berenice Bento (2008, p.129), pesquisadora da transexualidade que ouviu uma grande quantidade de relatos para desenvolver a sua pesquisa de pós-doutorado sobre os sujeitos transexuais e suas experiências escolares, afirma que esse foco específico na escola justifica-se na percepção do seu papel na exclusão social desses sujeitos. Segundo a autora,

[...] a escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade. Para os casos em que as crianças são levadas a deixar a escola por não suportarem o ambiente hostil é limitador falarmos em "evasão". No entanto, não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala na escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo em eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão e não de evasão.

Daí a importância do trabalho do professor em sala de aula em promover a educação e o respeito à diversidade, seja ela qual for.

OBJETIVOS DA PESQUISA:

De modo geral, o objetivo desse artigo é problematizar de que forma a questão de gênero e diversidade sexual está sendo trabalhada em sala de aula por professores/as do ensino fundamental em algumas escolas da rede municipal de Londrina.

O trabalho visa analisar a postura do docente em relação à homossexualidade no ambiente escolar.

Os objetivos específicos são:

- a) coletar a opinião dos professores por meio de entrevistas sobre gênero e diversidade sexual, identificando como ele trabalha esse tema;
- b) levantar estudos bibliográficos em relação ao tema;
- c) confrontar as informações obtidas nas entrevistas com os conhecimentos repassados pelos autores estudados;
- d) identificar a influência do professor como formador de opinião, especificamente no que tange à homossexualidade.

METODOLOGIA

Tendo em vista a situação problema apresentada nesta pesquisa, ou seja, “o professor pode ser considerado formador de opinião e comportamento do aluno em relação a homossexualidade em sala de aula? ”, a proposta do estudo utilizará uma metodologia quantitativa, através de pesquisa descritiva, conforme Tripoldi (1981 apud DALFOVO, LANA e SILVERIO, 2008, p.8), “a verificação de hipóteses e a descrição de relações quantitativas entre variáveis especificadas”.

A metodologia quantitativa visa explicar o problema exposto através de uma análise estatística, utilizando-se das variáveis professor x aluno. O uso desta metodologia se baseia na limitação de uma ampla pesquisa envolvendo outras

instituições educacionais, fator tempo e disposição de pessoas, impossibilitando ao pesquisador realizar a coleta e análise de forma significativa ao problema exposto.

Com o uso da metodologia quantitativa torna-se adequada a proposta de estudo, por ser aplicado estatisticamente em uma população local, neste caso três escolas públicas da cidade de Londrina e com um número significativo de amostragem, ou seja, os professores regentes de turmas do 5º ano do ensino fundamental.

De acordo com Lakatos e Marconi (1991 apud OHIRA e DAVOK, 2008, p.11), nos estudos por amostragem, é preciso “[...] escolher uma parte (ou amostra), de tal forma que ela seja a mais representativa possível do todo e, a partir dos resultados obtidos, relativos a essa parte, poder inferir, o mais legitimamente possível, os resultados da população total, se essa fosse verificada”.

Com isso, observa-se que o estudo através do método quantitativo, visa aproximar a uma análise possível e real da população total, tendo uma representatividade nos resultados de coleta, tabulação, análise, interpretação e conclusão. Outro fator importante para a adoção da abordagem quantitativa refere-se a uma análise inicial, permitindo maior profundidade e novas perspectivas às interpretações, através da pesquisa descritiva.

Para realizar a análise quantitativa do método, o estudo utilizará da pesquisa descritiva, conforme apresentado por GIL (1995 apud OHIRA e DAVOK, 2008, p.8), "têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis". Desta forma, a pesquisa descritiva permite a aplicação do estudo em relação ao tempo e custo, permitindo um resultado satisfatório, uma vez que será aplicado em local de trabalho. Para realizar o método quantitativo e descritivo, o estudo terá como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica e o levantamento.

O estudo bibliográfico permite replicar o método utilizado em outros estudos, analisar e avaliar a aplicação do mesmo para a população que será analisada.

Em relação ao levantamento das informações, será realizado através de questionários abertos, no qual os professores participantes da pesquisa poderão manifestar a sua opinião sem direcionamento da análise, e também de questionários fechados visando direcionar o entendimento e opinião direta dos entrevistados.

A metodologia prevê, também, uma ação interventiva nas três escolas públicas da cidade de Londrina que integraram esta pesquisa. Esta intervenção consiste em distribuir um *folder* sobre preconceito e AIDS, elaborado pela pesquisadora (ver Anexo), com o objetivo de avançar da teorização para a prática, buscando uma mudança real de comportamento. A partir do estudo bibliográfico realizado, fica evidente a necessidade de intervenções diretas nas escolas. A proposta é distribuir para toda a comunidade escolar das três escolas, o folder, cuja mensagem principal é “viver a sexualidade de maneira saudável”. Esta distribuição está prevista para o primeiro semestre de 2016.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário aplicado foi entregue a trinta professoras regentes de turma do 5º ano do ensino fundamental em três escolas municipais de Londrina. Foram elaboradas perguntas abertas, que tiveram como objetivo verificar de que forma a questão de gênero e diversidade sexual vem sendo trabalhada por elas em sala de aula. As perguntas problematizavam, principalmente, o conhecimento a respeito dos estudos de gênero, papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, a existência de desigualdades no tratamento de alunos do sexo masculino e feminino, e como são abordadas as questões de diversidade sexual durante as aulas.

Sobre as professoras participantes da pesquisa, os dados coletados apontaram que 40% delas são formadas em Pedagogia, 20% em Letras, 20% em Artes, 10% em Educação Física e 10% em Geografia, sendo que 90% dessas profissionais já possuem pelo menos uma especialização na área da Educação e 10% ainda não se especializaram. Em relação ao estado civil, 70% das pessoas que responderam ao questionário se declararam casadas, 20% solteiras e 10% divorciadas.

Através das respostas, pode-se perceber que são raras as orientações e cursos de capacitação profissional sobre questões relacionadas à sexualidade e gênero, sendo que, dos profissionais que responderam ao questionário, 80% declararam nunca ter participado de nenhum tipo de curso sobre gênero e diversidade sexual, o que pode acarretar dificuldades no manejo dos assuntos

relacionados a gênero. Além disso, 30% não consideram importante trabalhar com o tema no Ensino Fundamental.

Das pessoas que se prontificaram a responder o instrumento, 100% eram do sexo feminino, fato que pode ser compreendido em razão da escola ser interpretada culturalmente como uma instituição que, em parceria com a família, é responsável pelo cuidado e disciplina das crianças. Ao longo dos anos, foi atribuído às mulheres o papel social de cuidadoras e responsáveis pela educação dos filhos. Segundo Aguiar (2004), profissões como a educação são vistas como prolongamento da atividade doméstica, e como tal, carregam valores atribuídos às mulheres: dedicação, ternura, sacrifício, entre outros.

Quando questionado se abordam questões da sexualidade em suas aulas, 80% das professoras responderam que trabalham com o tema sempre atrelado a algum conteúdo bimestral na disciplina de Ciências, quando trata do corpo humano. Essa disciplina, geralmente, aborda construções sócio-históricas da sexualidade e dos gêneros, através de paradigmas naturalistas. Segundo Carvalho (2009), esta tendência de explicar fenômenos humanos em termos biológicos é muito presente quando se aborda assuntos relacionados à sexualidade, o que define, muitas vezes, as representações sociais do corpo, dos sexos, gêneros e papéis sexuais.

Em contrapartida, os outros 20% são de professoras que tratam do tema quando há situações de conflito entre as crianças por algum tipo de preconceito ou bullying. Porém, nenhuma delas alegou não ter trabalhado com o tema, o que mostra uma contradição com aquelas que consideraram anteriormente não ser importante ensinar gênero e diversidade sexual para crianças.

Todas as professoras entrevistadas relataram ter se deparado com alunos que apresentavam características de um indivíduo homossexual ou transgênero e, de modo geral, trataram com naturalidade, chamando a atenção da turma para o respeito às diferenças de cada um.

A respeito das diferenças de gênero na educação de meninos e meninas, 30% responderam que não há necessidade de um tratamento específico para cada um. Em contrapartida, 70% julgaram necessário estabelecer diferenças no tratamento e na educação de ambos os sexos. As representações sociais de masculino e feminino, por estarem tão naturalizadas e incorporadas, geralmente produzem diferenças de tratamento entre alunos do sexo feminino e masculino, como pode ser

analisado através das seguintes narrativas: "...cada criança tem características próprias que envolvem o ser menino e o ser menina, como certas brincadeiras, vestimentas, cavalheirismo..."; "...são seres de físicos e emocionais diferentes..."; "a menina é mais delicada...". Tais opiniões demonstram estereótipos de gênero e papéis sociais cristalizados.

Sobre as profissões exercidas por homens e mulheres, 20% acreditam que homens e mulheres são igualmente capazes de exercer qualquer profissão desde que tenham aptidão para elas. Já 80% das respostas obtidas indicam a atribuição de naturalidade à diferença de papéis sociais entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Ao masculino foram atribuídas representações sociais de provedor e de força física, razão e rapidez em decisões. De outro lado, ao feminino foram atribuídas representações sociais de cuidados domésticos, maternidade, delicadeza e emoção. Segundo Weeks (2001), na modernidade, através dos discursos judiciários, médicos e políticos, houve a necessidade de definir o que era normal e anormal, exigindo assim uma definição precisa das "verdadeiras" características femininas e masculinas, gerando uma preocupação e todo um discurso em torno dos papéis que eram apropriados para homens e mulheres na família e na vida social.

As contradições entre discursos e práticas sociais encontradas nas entrevistas traduzem valores, noções e representações construídas na modernidade, ao mesmo tempo em que permitem refletir sobre o quanto algumas normas sociais estão sendo ressignificadas na sociedade contemporânea.

Tais dados demonstram que as professoras entrevistadas agem de acordo com valores pessoais, construídos socialmente, sem conhecimento crítico ou capacitação apropriada quando se deparam com situações que demandam a problematização de assuntos relacionadas à sexualidade e diversidade sexual. Não existe tampouco um material que oriente essas profissionais nas escolas, conforme relataram.

Pode-se analisar, portanto, que há poucas oportunidades de reflexão acerca das questões de gênero, sexualidade e diversidade sexual na comunidade escolar, o que acarreta práticas e discursos equivocados, moralistas e preconceituosos. Isso representa a permanência de processos de normatização que ainda estão em trânsito na sociedade atual. O seja, continuam sendo passados adiante valores como o reconhecimento da mulher através da maternidade e dos homens como

provedores, do mesmo modo que a visão de homossexualidade como perversão não foi completamente superada nas práticas sociais em muitas escolas.

Louro (2002) ressalta que é preciso atenção para desconstruir todo um conjunto de mecanismos que atuam na produção de uma polarização entre homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais etc – invariavelmente baseados em pressupostos essencialistas, concepções binárias e crenças cristalizantes, naturalizadoras das diferenças, e desigualdades sociais produzidas. Segundo ela, o grande desafio para as estudiosas não é apenas assumir que as posições de gênero se multiplicaram e que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e, o que é ainda mais complicado, que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira.

Diante desse parecer e dos dados coletados na pesquisa, observa-se a necessidade de refletir cuidadosamente sobre atribuições de gênero que cristalizam possibilidades de ação e escolha de homens e mulheres. Observa-se ainda que muitos dos discursos presentes na comunidade escolar podem contribuir sim para a legitimação desses “papéis” e para a produção de processos de exclusão e estigmatização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de entrevistas e de revisão da literatura sobre o tema, este artigo buscou esclarecer de que maneira a questão de gênero e diversidade sexual está sendo trabalhada em sala de aula pelas professoras do ensino fundamental em algumas escolas da rede municipal de Londrina. Desse modo, obteve-se como resultado a informação de que o tema ainda é pouco explorado nas aulas, aparecendo sempre atrelado ao conteúdo de Ciências.

Todavia, ao se propor a trabalhar com o tema citado, o profissional da educação necessita passar por uma reflexão pessoal sobre ele a fim de rever seus próprios valores e superar possíveis tabus e preconceitos existentes. Além disso, é imprescindível que se tenha um bom material de apoio ou que se busque conhecimento na literatura existente. Contudo, verificou-se através deste estudo que

isso não vem acontecendo na comunidade estudada. Infelizmente, não há nada de novo nessas escolas no que diz respeito à educação sexual, e sim a reprodução de um modelo conservador que acentua as diferenças e favorece o preconceito.

Conclui-se que as narrativas presentes na análise do material coletado apontam para a permanência de processos de normatização que estão em trânsito na atual sociedade. Valores como, por exemplo, o reconhecimento da mulher através da maternidade e sensibilidade, dos homens como provedores e imagem de força e da homossexualidade como perversão, ainda não foram completamente subvertidos nos discursos e práticas sociais nessas escolas.

Nesse sentido, Berenice Bento (2008) alega ser um equívoco falar em “diferença ou diversidade no ambiente escolar”, como se houvesse o lado da igualdade, onde habitam os que agem naturalmente de acordo com os valores hegemônicos e os outros (diferentes), quando, na verdade, a diferença é anterior, é constitutiva dessa suposta igualdade. Portanto, não se trata de “saber conviver”, mas ter claro que a humanidade se organiza e se estrutura na e pela diferença. Se tivermos essa premissa clara, talvez possamos inverter a lógica: não se trata de identificar o estranho como o diferente, mas de pensar que estranho é ser igual e quanta violência é cometida para se produzir o hegemônico transfigurado em igualdade natural. (BENTO, 2008, p.131-132)

Diante disso, é preciso ter cuidado com as atribuições de gênero que cristalizam possibilidades de ação e escolha de homens e mulheres e reconhecer o quanto muitos dos discursos presentes na comunidade escolar contribuem para a propagação da exclusão e do preconceito. Este é um desafio para educadores (pais e professores) que buscam o respeito e a aceitação da diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Igualdade de gênero e co-educação: reflexões necessárias para a construção da democracia**. In: SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio. *Diversidade e educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia*. Matinhos: UFPR Litoral, 2014.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo; Brasiliense, 2008.

BUENO, Erika de Souza. **Formadores de opiniões: o poder de impacto sobre o outro**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1878>> Acesso em: 18 jul. 2015.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. **Que saberes sobre a sexualidade são esses que (não) dizemos na escola?**. In: Mary Neide Damico Figueiró (org). Educação Sexual: Em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 30, jul./dez. 2008.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/>> Acesso em: 10 set. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero: questões para a educação**. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 2002.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt; DAVOK, Delsi Fries. **Caminhos do TCC... Roteiro para elaboração de projetos de pesquisa**. Disponível em: <<https://pesquisabiblio.wordpress.com/>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. São Paulo: Ática, 1997.

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.